

ENTREVISTA COM AIRTON KRENAK

Assim pode falar em solidariedade indígena latino-americana

X/ #Sem atentar para os aspectos históricos de cada povo, de cada etnia—pois é importante ressaltar que sobretudo estamos falando de tribos—é correr o risco da simplificação. Só no Brasil, para dar um exemplo, nós somos 180 tribos atualmente. São grupos étnicos que têm uma trajetória desde a origem do mundo, da memória da origem do mundo, até os contatos intertribais, e depois os contatos com os brancos, carregada de conflito. Pensar solidariedade dos povos indígenas, mesmo no contexto só do Brasil, é extremamente delicado. Eu tenho acompanhado essa luta pela construção de um movimento indígena no Brasil onde povos das tribos diferentes possam estar juntos e compartilhar e se esforçar por uma proposta. Mas nós temos identificado que dentro da ideologia, da tradição, da cultura, da religião de cada tribo há obstáculos terríveis a que se estabeleça esse pan-indianismo, essa coisa dos povos tribais estarem juntos numa luta pra fora.*

#Eu creio que a realidade moderna, as sociedades chamadas desenvolvidas hoje, elas se colocam para o conjunto das populações indígenas como um risco potencial. E diante desse risco potencial as pequenas sociedades indígenas buscam se juntar e se solidarizar com os iguais, com os que estão na mesma canoa. Mas eu não acredito que essa expectativa de estar buscando o apoio de outra tribo dentro de um ~~nação~~ estado como o Brasil, e buscar o apoio de outras tribos fora dessa nação-estado, que seriam as nações-estados que é o Paraguai, a Bolívia e o Peru, elas não são colocadas de forma muito clara nas populações indígenas.*

#A solidariedade indígena está fundada em princípios que não são os princípios do confronto; não são os princípios da perspectiva da revolução burguesa, da revolução moderna, são povos tribais. Eu costumo dizer que as sociedades indígenas são sociedades de alianças. Essas alianças se estabelecem pelo casamento, por comungarem o mesmo espaço de caça, de colheita, de pesca; por terem cantos, expressões e ritos que se assemelham. Essa solidariedade está marcada profundamente por uma expectativa com relação à vida e com relação ao entendimento do mundo, mas que ela não supõe isso que modernamente chamam de solidariedade política. É diferente, é uma solidariedade que está vinculada muito mais a uma origem, a uma memória da origem do povo.*

X/ #Quem nos chama de índio, aliás, são os brancos. Cada grupo indígena tem uma identidade muito específica, muito própria. E são muito ciosos dessa sua identidade, não querem ser confundidos com a tribo vizinha. Se um Xavante for chamado de Bororo, ele vai reagir no mesmo instante dizendo que ele não é Bororo, que ele é Xavante. Se um Yanomami for chamado de Tukano, ou de Makuxi, ele vai reagir imediatamente, ressaltando que ele é Yanomami. Então, a questão da solidariedade entre os povos indígenas deve ser pensada com muito cuidado, porque são sociedades de aliança por excelência, mas não são sociedades que acatam, ou que aceitam a dispensa da sua identidade na formação de uma massa. A política moderna pensa esse negócio da solidariedade das massas, da solidariedade do povo, da solidariedade de todo mundo junto; as sociedades tribais pensam a solidariedade dentro das diferenças,

dentro da identidade de cada uma. Então, pensar a questão da solidariedade indígena na perspectiva latino-americana seria circunstanciar a uma região geográfica uma realidade que é cultural, que é étnica, que é histórica, que é mítica, que é cósmica. Para os povos indígenas não existe a América Latina, para os povos indígenas existe o universo.*

#Guardando essas observações que eu fiz, as populações indígenas do Brasil são solidárias com as tribos que nós conhecemos. Nós estamos muito preocupados com o que possa acontecer com os nossos parentes Yanomami que vivem do lado de lá da fronteira do Brasil, que vivem na parte que é do estado-nação da Venezuela. Porque os nossos parentes Yanomami, que vivem naquele lugar, eles viviam ali antes dos brancos botarem fronteira na América. Não havia América do Norte e América do Sul; havia povos vivendo aqui, se organizando de uma maneira diferente.*

X #Eu acho que a perspectiva de América Latina é uma perspectiva da cabeça dos brancos, não é uma perspectiva da cultura e da cabeça dos índios. A União Soviética, os Estados Unidos, o capitalismo, o socialismo, o comunismo, ou qualquer outra ideologia, é resultado de uma experiência de uma civilização não-indígena, de uma civilização que se coloca hoje como moderna. As experiências, a trajetória, a história do povo indígena remota a vinte mil anos, a dez mil anos. Alguns grupos étnicos têm uma viva memória -- e transmitem isso oralmente -- da sua origem, da sua criação, em regiões do mundo, mas nunca se colocando na América do Sul, ou na América do Norte, ou na Ásia, ou na China. Coloca-se num determinado lugar que se relaciona com o universo, é daquele lugar onde está para o universo. É uma concepção muito sagrada da existência, é uma concepção profundamente espiritual da existência. Não se limita a uma geopolítica ideológica, moderna, estratégica, mas ela se estabelece a partir de um pensamento, de uma concepção profundamente religiosa da existência do próprio indivíduo e de todas as coisas.*

Como é que essa solidariedade se manifesta?

#A solidariedade do que nós passamos agora a chamar de povos tribais do mundo ou das Américas, e neste caso aqui, dessa região geográfica identificada como América Latina, ela se estabelece no contato, ela se estabelece na visita, ela se estabelece nos protestos que os grupos tribais de uma e de outra região desse continente fazem e manifestam diante de governos autoritários e corruptos, que desrespeitam as nossas tribos, que não acatam os nossos chefes, que ~~não~~ ^{remota} desrespeitam o nosso pensamento religioso, o nosso pensamento político e cultural. Nós protestamos nos fóruns nacionais e internacionais diante da truculência, do genocídio e do desrespeito que os brancos têm praticado contra o nosso povo. Os governos corruptos, os governos capitalistas ou de qualquer outra ideologia que não sabem contemplar o nosso povo como um povo diferente, como um povo específico, como um povo que tem uma história que baliza o seu comportamento dentro das relações com os homens. A história de um povo que se remota a alguns milhares de anos e que não começou de jeito nenhum em 1500 com a

chegada dos brancos.*

As fronteiras geográficas são espelhos à solidariedade?

#Nós temos uma consciência cósmica da existência dos povos nativos do mundo e é por isso talvez que a gente não divide o mundo em departamentos, mas nós entendemos o mundo como lugar. Nós sabemos da existência dos nossos parentes que vivem na Malásia, nós sabemos da existência dos nossos parentes que vivem nas pequeninas ilhas do Pacífico Sul. Nós nos comunicamos. Ou nos comunicamos através de cartas, ou nos comunicamos através da fala, ou nos comunicamos através do espírito.*

#Muitos dos nossos sábios podem em qualquer ponto do território em que vive, estar sentado dentro de uma habitação e fazer pensamento e meditar e visitar e sobrevoar regiões longínquas e visitar os nossos parentes e tomar contato com realidades que nem as fronteiras geográficas são capazes de marcar, de se interpor. Outro dia eu estava conversando com um parente Yanomami, e ele estava me explicando como era o mar. Do ponto-de-vista dos brancos, como é que um índio de uma tribo que vive alguns milhares de anos no meio da floresta amazônica, lá na fronteira com a Venezuela, portanto a alguns mil quilômetros longe do mar, pode saber como é o mar, que a água é salgada, os peixes que vivem no mar, que tipos de plantas que tem dentro do mar. O espírito do nosso povo continua podendo viajar na face das águas, no vento, na floresta, através dos pássaros, através de muitos outros elementos da natureza. E eu tenho uma inabalável fé de que enquanto a gente puder fazer isso, o nosso povo vai existir. Seja nesse pedaço de mundo que chamam de América, seja no pedaço de mundo que chamam de Ásia, de África, em todas as pequeninas ilhas espalhadas pelo mundo o nosso povo vai continuar existindo, vai continuar batendo o coração dessa gente e essa maneira de entender o universo.*

#Ela transcende as ideologias e as formas de organização política dos brancos. É que as vezes os brancos não conseguem atentar para esse aspecto. Mesmo quando nós buscamos fazer intervenção dentro da política institucional do mundo do branco, nós fazemos isso como quem foi à roça buscar batata ou mandioca. Nós sabemos exatamente os limites que temos, até onde podemos ir e o momento em que vamos ser devorados por um outro pensamento que vai significar a extinção do pensamento nativo e da origem mesma da criação do mundo.*

0 que caracteriza a solidariedade indígena latino-americana?

#0 que caracteriza a solidariedade indígena é sobretudo o sentimento de que o coração que pensa e sente dentro de um determinado lugar do mundo, ele está ligado, ele é indissolúvel, ele é indissociável de outros corações que estão batendo, e de outro sentimento que está acendendo luz e que está procurando fazer a trajetória aqui neste lugar. É a consciência de que a plenitude do ser humano só é possível vivendo em plena liberdade. Tendo constrangimento a liberdade do ser humano é uma violência terrível às formas de solidariedade do povo indígena. E é por isso que nós lutamos contra todas as formas de

violência, seja nas guerras entre as nações-estado, seja nas guerras entre grupos tribais, seja nas guerras entre pessoas, na violência que se manifesta na limitação do espaço e da liberdade do homem.*

0 que significam os 500 anos da evangelização latino-americana para os índios?

#Para algumas tribos que moravam em regiões diferentes, quando os

brancos chegaram neste pedaço do mundo que chamam América, algumas tribos moravam na praia e os brancos chegaram de navio e foram passar ao fio da espada os nossos parentes, e foram destruindo a nossa forma de organização e de vida. Aquele navio que chegou na praia, ele trazia alguns homens que portavam espadas e alguns homens que portavam uma espada que ao invés de ser empunhada pelo cabo era empunhada pela lâmina, que eles chamavam de cruz. Muito significativamente a espada dos soldados e a cruz dos santos que vieram nos navios com eles, elas têm o mesmo desenho. O cabo da espada é atravassado por um pequeno barrete, que significa o símbolo que os cristãos consagram que é a cruz. E para o meu povo, para os povos indígenas e para os meus parentes, de forma geral, sempre foi muito difícil estabelecer uma diferença entre o que porta a cruz e o que porta a espada.*

¶Esses 500 anos da chegada dos barcos na praia significam uma terrível guerra de extermínio contra o nosso povo. Não significam de jeito nenhum uma boa nova. Significam o começo do nosso desaparecimento. Nós éramos 900 tribos só aqui neste pedaço que hoje chamam de Brasil. Do século 16 até hoje, final do século 20, nós fomos reduzidos a 180 tribos; 720 grupos étnicos foram passados ao fio da espada, da doença, da violência, da brutalidade, da desagregação social e cultural. Nós fomos reduzidos a um grãozinho de areia, e nós éramos milhares aqui neste lugar. Nesta terra, nosso povo vivia, educava os filhos, caçava, pensava, praticava sua religião, sua tradição, seu culto, sua vida. Nós éramos povos muito particulares, porque nós éramos constituídos de pequenos grupos tribais. As nossas convenções sociais são vistas hoje como coisas muito simples e primitivas, mas elas eram suficientes para nos manter felizes, para nos manter vivos e garantir que nós não destruíssemos uns aos outros.*

¶Eu creio que quando o Criador nos fez e nos orientou um jeito de viver, ele nos deu maneiras simples de viver porque ele sabia que vivendo de maneira simples dificilmente nós chegaríamos a destruir o lugar em que vivêssemos. Dificilmente, iríamos agredir a criação de Deus, que é o lugar sagrado da terra, dos rios, das montanhas, do vento. Nesses 500 anos que os brancos chegaram aqui, eles conseguiram apodreecer o vento, mataram muitos dos rios que hoje são esgotos vivos, são imensas feridas na terra, fedendo, podres. Nenhum dos brancos tem coragem de beber daquela água, de mergulhar no rio. Para alguns desses rios os nossos parentes tinham nomes bonitos. Eram nomes que sugeriam lugares resplandescentes. Nas margens desses rios os nossos parentes buscavam caramujos para fazer os colares das cerimônias. Buscavam enfeites, buscavam pinturas. E esses rios foram transformados em feridas. Muitas das montanhas das florestas que eram

sagradas para o nosso povo, foram transportadas em navios e em barcos para a Europa, para encher o cofre dos brancos, para fazer suas casas ficarem mais bonitas e valiosas.*

¶Então, eu acredito que esses 500 anos de contato com os brancos, em que o nosso povo tentou pacificar o branco, tentou amansar o branco, tentou dizer para o branco que é possível viver de uma outra maneira, foram anos de muita dificuldade, de muita morte. Eu não saberia contar quantas pessoas indígenas foram mortas nesses 500 anos. Nós éramos aproximadamente 10 milhões de pessoas que vivíamos aqui, neste lugar que é a costa do Atlântico até a parte mais central do que eles chamam hoje de Brasil. Nisto que eles chamam de costa brasileira havia dezenas e dezenas de aldeias. Nós éramos 10 milhões quando chegaram apenas três canoas com os brancos dentro delas. Hoje somos 220 mil pessoas e os brancos são

130 milhões. O que a gente pode concluir de uma história dessas?
Foi bom para o nosso povo?*